

José Tavares de Miranda

Se alguém perguntar pela sua profissão, você dirá que prática a poesia - o mais alto valor - pois é saber e virtude, espasmo e contenção.

Com este livro que me traz, como você assume e ganha a batalha da palavra! Você se coloca numa ascensão que o conduz a Cassia no Ricardo e Fernando Pessoa. Enfim, 22 deu isso. Depois do Deserto veio a Terra da Promissão.

Nós, que mandamos para a África, Thomaz Antonio Gonzaga, recebemos de lá um palhaço que, com uma faca colonial, tentou contra a vida lírica de Carlos Drummond de Andrade. Mas "Orfeu" passou e não deixou rasto. Esses pequenos facinoras e grandes tolos da Capital Federal, com seus ledos trevos de duas fôlhas ^{nunca} souberam que Orfeu é a Praça Onze e que a Praça Onze somos nós, a geração da ^{Poesia e do} Deserto, a geração do jejum poético e do maná que é orvalho.

A Bíblia, veja, favorece essas elucidações. Para que há de a pobrezinha servir? Só para aterrar o nosso ^{querido} Carlos Pinto Alves e seus alvos dominicanos?

Mas voltemos á poesia. Poesia, eu já disse, é Descoberta (Acaso, no vocabulário cabralino) ou Repetição (na angústia Kirkegaardiana). E' também Comunicação (Homero) ou Rutura (Baudelaire). Imanên-

cia (Rilke) ou Transcendência (Mallarmé).

Há também os que tentam Valery e ficam apenas vômitos de mármore.

Na fase que agora você cristalisa, a poesia nacional passa a ser pesquisa e certêsa, maestria, luta e dominação.

Você, José Tavares de Miranda, me deu um grande prazer. Há tantos anos que eu leio quâsi só bobagem em português. E você me traz essa mágica ^{essa} "Tampa de Canastra", onde se espelha todo o Brasil, um Brasil íntimo e digno, sem cosmorama, nem chantage, nem saudade. Aproxime-se de René Char, que é o momento, pois você tende a êle. E não se esqueça ^{de} que o momento é sempre único.

Você realisa em poesia, o que Clarice Lispector fêz com a prosa - completa. E produz a escala sonora no novo teclado. É a vitoriosa ressonância de 22 que nos fâz clássicos.

Porque Mario de Andrade disse que "poesia é safadesa", muito safado se acreditou poeta. Mario era ^{orixa} ~~oxigênio~~ e portanto, ininteligível algumas vêzes aos jornalistas.

Entre os novíssimos, a pintura já nos oferece Marina Caram e Antonio Bandeira. A crítica tem Antonio Cândido. A êsses, vêm Cassiano e você juntarem as vozes da poesia. E atingem os dois, pela crisostomia, o solário aberto em nossa lírica por aquele Fernando Pessoa que, em vida, os professore chamavam de "exquisite" mas que sabia ser irmão de Camões.

Salve senhor ^{de Engenho do verso livre!} "Tampa de Canastra" justifica trinta anos de touradas.

Seu

Oswaldo de Andrade

Em julho - 51